

Abrindo mão dos holofotes

Um político com a importância e a influência de José Sarney (PMDB-AP) não sai fácil de cena. Mas, quase no apagar das luzes do semestre, com os parlamentares próximos a entrarem de férias, Sarney volta à tona. Na última quinta-feira, ele declarou que não tem nenhum interesse na reeleição. E afirmou que não pretende se candidatar a um novo mandato. O atual termina no fim de 2007. Essa, segundo ele, é uma idéia que tem amadurecido bastante. Contudo, uma das nuances da política é a imprevisibilidade. E ele próprio costuma dizer que "a política só tem porta de entrada".

Esta é a segunda vez que José Sarney exerce a presidên-

cia do Senado. A primeira foi entre fevereiro de 1995 e fevereiro de 1997. Ele não pretendia se candidatar à presidência da Casa a segunda vez, mas sentiu-se ferido quando sua filha, a hoje senadora Roseana Sarney (PFL-MA), desistiu da pré-candidatura à presidência da República em 2001, depois das revelações do caso Lunus, que desgastaram Roseana naquele ano.

Sarney passou a apoiar a candidatura de Lula e começou o trabalho que o levaria novamente à presidência do Senado. Sarney avalia a vitória de Lula como um fato histórico para o País. Acredita que se completou o ciclo republicano com a eleição de

um homem que fora torneiro mecânico: faltava alguém do povo, pois todos os segmentos da vida nacional já haviam passado pelo poder.

Mesmo com as atuais dificuldades enfrentadas por Lula, Sarney mantém-se otimista e entende que foi preciso passar por um período de "arumação da casa". Sobre a derrota do salário mínimo de R\$ 260 no Senado, ele procura não vincular com a emenda da reeleição. A quem afirma que ele não se empenhou em aprová-lo, Sarney responde que é difícil chegar a um consenso numa Casa formada por ex-ministros e ex-governadores, em que cada um tem suas convicções.